

Ricardo Vieira
Ana Vieira
José Marques
(Orgs.)

ETNOCURRÍCULO E ETNOAPRENDIZAGEM:

Diálogos, Investigação
e (Trans)Formação



CICS.NOVA
CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE CIÊNCIAS SOCIAIS



Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais
CICS.NOVA.IPLeiria

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

 Edições
Afrontamento

Título: Etnocurrículo e Etnoaprendizagem:

Diálogos, Investigação e (Trans)Formação

Autor: Ricardo Vieira, Ana Vieira e José Marques

Capa: Edições Afrontamento / Departamento gráfico

Edição:

ISBN:

Colecção:

Depósito legal:

N.º de edição:

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt

Distribuição: Companhia das Artes, Livros e Distribuição, Lda.
comercial@companhiadasartes.pt

Este livro foi objeto de avaliação científica

Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT –
Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto
«UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de
Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.

Introdução

No dia 28 de fevereiro de 2019, o CICS.NOVA.IPLeiria, um polo do Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa (CICS.NOVA), organizou um seminário intitulado “Seminário Internacional de Etnocurrículo e Etno-aprendizagem: teoria, pesquisa e (trans)formação”, conjuntamente com a licenciatura em Educação Social e o mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, no Auditório 1 da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS), do Instituto Politécnico de Leiria (IPLeiria).

O mote resultou do acolhimento do professor Roberto Macedo, Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Brasil, bem como seu diretor, um especialista em currículo, cultura, etnopesquisa e formação de professores, e da professora Sílvia Michele Macedo de Sá, antropóloga e professora na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, com experiência de investigação em etnoaprendizagem, cultura e etnicidade, de visita à ESECS, ao IPLeiria e ao CICS.NOVA.IPLeiria.

Juntaram-se a estes convidados, que buscam pontes para outras margens, designadamente a ligação entre a Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia e a Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do

Instituto Politécnico de Leiria, na construção de duplas titulações de mestrado e da organização de um doutoramento internacional em rede, um antropólogo da educação, Ricardo Vieira, um sociólogo, José Carlos Marques, especialista em migrações e uma doutora em educação social e mediação sociopedagógica para pensar e debater as ligações entre a educação escolar, o currículo e as culturas dos alunos, matéria que ultrapassa a exclusividade da dimensão psíquica do processo de ensino-aprendizagem, tornando-o num processo complexo que, ao modo de Morin, é biopsicossociocultural.

Apesar das discussões sobre o currículo, em Portugal, se centrarem, provavelmente, menos nas dimensões culturais do que no Brasil, onde estes mesmos conferencistas também têm já participado em debates diversos, a verdade é que a questão da cultura e dos contextos donde provêm as crianças, adolescentes e jovens alunos emerge, de alguma forma, sempre que se fala de aprendizagem em contexto, de aprendizagens significativas, de gestão flexível do currículo, etc. Efetivamente, no contexto português, não é novo dizer-se e ouvir-se que as aprendizagens têm de ser significativas e assentes naquilo que já foi experienciado pelos alunos. Conhecer o background cultural dos alunos e falar de aprendizagens significativas passou a ser parte das narrativas de alguns professores que tentam compreender o sucesso/insucesso escolar para além da teoria dos dons ou das capacidades psíquicas dos seus alunos.

Contudo, o Brasil, esse país imenso de muitos brasis, é ainda bem mais vasto, complexo e multicultural, e falar aí de currículo sem falar de cultura é coisa abstrata, teórica e pouco funcional. Por outro lado, os grupos indígenas

resistem e reivindicam uma outra escola, um outro currículo, dizendo não à escola monocultural e reivindicando uma escola local e professores indígenas capazes de mediar os saberes ditos mais globais com as culturas locais.

O texto que se apresenta de seguida, dividido em seis capítulos, dá conta – de um modo coloquial, e mantendo a matriz da oralidade¹ usada no seminário internacional supra mencionado – desses encontros e desencontros entre a cultura e a escola quer em Portugal, quer no Brasil. Encontros que, todavia, apesar das exigências programáticas e curriculares, podem sempre ser agenciados, mediados pelo professor que pode potenciar, ou não, a ligação e a contextualização do saber escolar com o saber dos quotidianos culturais dos alunos.

Mudar não é fácil. O que nos surge de novo, na escola ou noutros contextos, coloca-nos perante uma enorme insegurança, para além do que estamos habituados. Para além das nossas rotinas, fica o breu do desconhecido que só alguns arriscam atravessar na esperança de outros rumos alcançar. Se isso acontece com os professores, imaginem o que não acontecerá com crianças que não se reconhecem na linguagem e na cultura hegemónica da escola.

O primeiro capítulo, da autoria de José Carlos Marques, constitui uma reflexão em torno da investigação, a aprendizagem e o ensino, mostrando como a interação entres estes três elementos pode contribuir para desenvolver uma educação que torne as pessoas mais participativas em todas as dimensões da sociedade.

¹ A oralidade transcrita no livro reflete, assim, uma escrita em português de Portugal e em português do Brasil.

No capítulo dois, Ana Maria Vieira discute dois exemplos e modos distintos de gerir as diferenças culturais na escola, seja separando os diferentes para aprenderem coisas diferentes e de modo diferente, o que aconteceu em Portugal com a construção do designado projeto dos “currículos alternativos”; ou seja pondo em diálogo os diferentes para que tomem consciência da sua incompletude e se tornem mais plurais, aprendendo com todos os outros, tornando-se, em consequência, mais interculturais, como é esperado da “gestão flexível do currículo”.

O terceiro capítulo, da autoria de Ricardo Vieira, recorda que, apesar das escassas mudanças curriculares na educação do séc. XXI, na pedagogia emerge o trabalho de projeto contra a certeza do ensino por objetivos e na educação renasce o sujeito, autónomo, autoreflexivo, criativo, estratega, dotado de consciência, iniciativa e criatividade, sendo que o educador já não pode ser um mero ator ou agente do ensino tornando-se, ele próprio, projeto e coautor de projetos.

No capítulo quatro, Roberto Macedo investe na ideia de que o currículo não é apenas uma lista de conteúdos a explorar na escola, um documento onde disciplinas e seus conteúdos são organizados e propostos, com as suas cargas horárias, uma “grade de disciplinas”, e que tal visão corresponde a uma grande redução, a uma simplificação imensa pois nega um mundo de questões extremamente complexas para os múltiplos processos formacionais.

No quinto capítulo, Sílvia Michele Macedo de Sá convida-nos a fazer uma viagem intelectual ao Sertão da Bahia, onde fez investigação com os índios Kiriri, e onde desenvolveu o conceito de etnoaprendizagem, descobrindo como

aquele povo se educava e aprendia de forma bem diferente da veiculada pela educação escolar.

O último capítulo, o sexto, corresponde ao debate, às questões e respostas que se produziram após as comunicações que correspondem aos capítulos um, dois, três, quatro e cinco. Trata-se de um texto que, na sua maior parte, pretensamente se quis manter com essas marcas orais com que, de alguma forma, todos vivemos, seja nas discussões na escola, seja no balanço da mesma na vida doméstica e quotidiana ao final do dia.

Esperamos, finalmente, que este livro, que mais não é que um livrinho, ou um “livro de bolso”, que fala de modo simples das coisas complexas da vida que se dialogam, ou não, no contexto escolar, tenha boa recepção e leitura por parte de quem pensa a educação, a escola, a família, a comunidade, a cultura e a sociedade como pontos e nós de uma mesma rede.

Ricardo Vieira
Ana Maria Vieira
José Carlos Marques